

AULA 04 PANORAMA DO NOVO TESTAMENTO II

CARTA AOS ROMANOS

O texto abaixo é parte de um estudo maior sobre Romanos 9: 19-24 que pode ser encontrado no blog. O mesmo serviu como trabalho apresentado aos alunos de Introdução Bíblia turma de 2016.

O CONTEXTO HISTÓRICO DE ROMANOS

Romanos é talvez o livro mais importante da Bíblia. Historicamente, todos os grandes teólogos, desde os Pais da Igreja, comentaram a carta de Paulo aos Romanos, ou usaram esta carta de referencia para sua Teologia e suas vidas. A Reforma Protestante deve a Romanos sua estrutura e sua força, principalmente, no que diz respeito ao conceito da *salvação pela graça e da justificação do pecador por meio da fé*. Reformadores como Lutero, rejeitaram cartas como Tiago, porque, em sua concepção eram contrárias aos ensinamentos descritivos e normativos de Romanos. Calvino, por exemplo, não escreveu comentários sobre livros como Apocalipse por motivos parecidos, mas dedicou atenção especial a Romanos.

A Epístola aos Romanos é a epístola que possui a maior quantidade de evidências externas de sua autoria, ou seja, desde os Pais da igreja mais remotos, a autoria paulina é aceita¹. É uma carta escrita a gentios e Paulo se apresenta na carta como o apóstolo aos gentios (Rom 11: 13; 15: 16) e, neste sentido, falando do ponto de vista de um judeu fariseu, a seita mais severa entre os judeus, suas palavras tem conotações e contornos muito especiais.

¹ Conforme Russel Shedd em <https://www.youtube.com/watch?v=Cb9YVXTFM2g>.

A Epístola aos Romanos foi escrita por Paulo, provavelmente na cidade de Corinto, Grécia, enquanto ele estava hospedado na casa de Gaio, sendo transcrita por um dos Setenta Discípulos, chamado Tércio de Icônio. Há uma série de razões que convergem para a teoria de que Paulo a escreveu em Corinto, uma vez que ele estava prestes a viajar para Jerusalém ao escrevê-la, o que corresponde com Atos 20: 3, no qual é relatado que Paulo permaneceu durante três meses na Grécia. Isso provavelmente implica Corinto, pois era o local de maior sucesso missionário de Paulo, na Grécia. Adicionalmente Febe, uma diaconisa da igreja em Cencréia, um porto a leste de Corinto, teria sido capaz de levar e transmitir a carta a Roma depois de passar por Corinto. Erasto, mencionado em Romanos 16: 23, que viveu em Corinto, foi comissário da cidade para obras públicas e tesoureiro da cidade, mais uma vez indicando que a carta foi escrita em Corinto. O momento exato em que foi escrito não é mencionado na carta, mas foi escrito quando a coleta de ofertas para Jerusalém tinha sido levantada e Paulo estava prestes a ir a Jerusalém, ou seja, no final de sua segunda visita a Grécia, durante o inverno que precedeu a sua última visita a essa cidade.

A maioria dos estudiosos propõe que a carta foi escrita no final de 55, 56 ou 57. Outros propõem o início de 58 ou 55, enquanto Luedemann defende uma data anterior, como 51-52 (ou 54-55), na sequência de Knox, que propõe 53-54. O teólogo Fábio Xavier, em seu artigo *Conhecendo os Romanos de Roma*, deixa claro que a carta pode ter sido redigida por volta de 55 e 56. Durante dez anos antes de escrever a carta (aproximadamente entre os anos 47 a 57), Paulo tinha viajado ao redor do Mar Egeu evangelizando. Igrejas foram implantadas nas províncias romanas da Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. Paulo, considerando a sua tarefa concluída, queria pregar o evangelho na Espanha. Isso lhe permitiu visitar Roma no caminho, uma ambição de longa data. A carta aos Romanos, em parte, prepara a comunidade de Roma e dá motivos para sua visita. Além da localização geográfica de Paulo, suas opiniões religiosas são importantes. Primeiramente, Paulo era um judeu helenístico com um fundo farisaico. Na verdade podemos falar de Paulo como um homem de três mundos: judaico, grego e cristão. Sua preocupação com o seu povo (judeu) é uma parte importante do diálogo e é retratada ao longo da carta. De fato, Paulo parece mostrar aos

Romanos como eles chegaram à salvação, seja pela eleição de Deus pela fé, seja pelo endurecimento de Israel, seja como o plano de Deus.

A Roma do primeiro século vivia uma situação política bastante triste. Tibério (14-37 d.C.) era um imperador de dupla personalidade. A maioria dos historiadores tecem elogios à sua administração, esquecendo a sua violenta tirania e despotismo, em razão do Estado. Mas os cristãos (confundidos com os judeus) não tinham do que se queixar. A Tibério sucedeu Calígula (37-41 d.C), tão cínico que, para insultar o Senado, deu as honras de Cônsul ao seu cavalo! Na "História dos Césares" é apelidado de “animal ferox”, tamanha era a sua crueldade. Por fim, foi assassinado por Cláudio, o capitão de sua guarda pessoal. E foi uma festa pelo império afora. Sucedeu-lhe Cláudio (41-54 d.C.), um homem irresoluto e tímido, e tão covarde que consentia que Calígula o esbofeteasse e o chicoteasse em público. Uma vez imperador, mandou matar todos seus amigos, a um ponto que Agripina mandou envenená-lo. Então, Nero subiu ao trono (54-68 d.C.): a pior desgraça da Roma antiga segundo muitos, senão no conceito de todos. Ele mandou matar a própria mãe, Agripina, assim como seu mestre Sêneca e dezenas de outros amigos, isso já no começo de seu império. Então se casou com um homem, praticando relações sexuais à luz do dia, na presença de sua corte. As demais loucuras, atrocidades e crimes de Nero, todos conhecem. Mas não podemos esquecer a noite de 19 de julho do ano de 64, quando ele mandou incendiar Roma e, depois, colocou a culpa nos cristãos. Logo cerca de 200 cristãos, vestidos com túnicas impregnadas de pez negro, queimavam como tochas vivas para espetáculo público. Foi a primeira e mais terrível perseguição contra os cristãos. Em Roma nesta ocasião já havia uma pequena comunidade, embora não se tenha registros históricos de seus fundadores. Finalmente, o povo se revoltou: invadiu o palácio e acabou com Nero. Sucedeu-lhe, primeiro, Galba, e, depois, Otão e Vitélio, tolos ineptos e corruptos, particularmente este último, que era também sádico e sanguinário. Então Vespasiano tornou-se imperador (69-79 d.C.). Era bondoso e condenava as crueldades de seus antecessores. Sucedeu-lhe Tito (79-81 d.C.), que o povo apelidou de "delícias do gênero humano". Quando morreu, o povo dizia: "Um imperador como este, ou nunca devia ter nascido ou devia viver para sempre". Sucedeu-lhe Domiciano (81-96 d.C.), homem orgulhoso, fútil, avarento e cruel. Desencadeou a segunda perseguição contra os cristãos. O

prazer de Domiciano era matar pessoas e dá-las aos cães para comer. Outra diversão desse monstro era mandar queimar os órgãos sexuais de amigos. Foi assassinado. Sucedeu-lhe Nerva (96-98). O historiador Apolônio, que viveu nessa época, diz que Nerva era benévolo, generoso e modesto. Todos os historiadores romanos louvam e admiram Nerva, com o qual começa a dinastia antonina. Nesses altos e baixos políticos a vida dos cristãos em Roma certamente sofria, mas não tanto para ficarem dispersos. Muito pelo contrário, era uma comunidade pequena, mas muito unida. Embora o período que foi do ano 70 ao ano 110 seja completamente obscuro quanto à história, podemos ter alguma notícia por meio de Irineu e de Inácio. São notícias misturadas à ideologia do poder eclesiástico do qual os dois estavam imbuídos. Mas quem nos fornece as melhores notícias é a Arqueologia Paleo-cristã.

A importantíssima obra de Giovanni Battista De Rossi, arqueólogo e epigrafista italiano (1822-1894) "Roma Sotterranea" (Roma Subterrânea), escrita entre os anos de 1864 e 1877, mostra o levantamento topográfico das catacumbas de Roma; foi o criador da Epigrafia Cristã; organizou o Museu Cristão do Latrão e redigiu, a partir de 1863, o Boletim de Arqueologia Cristã, com a assistência da Comissão Vaticana de Arqueologia Sagrada. Os túmulos que ele descobriu e os sarcófagos que ele descreveu nos apresentam os mais antigos símbolos, pinturas e objetos deste primeiro século de vida cristã. Encontramos lá o Alfa e o Ômega (Deus, princípio e fim); muitas âncoras (a cruz da salvação); muitas palmas (a vitória sobre o paganismo); o cordeiro (o fiel do Cristo); o peixe, cujo acróstico, em grego, significa: "Jesus-Cristo-Filho-de-Deus-Salvador"; o pastor (o bom pastor da parábola); o pescador (Jesus em busca dos homens); o orante (a Igreja em oração); e muitas outras imagens. Às vezes, a tampa do sarcófago tem cenas tiradas da mitologia e passíveis de uma interpretação espiritual: Orfeu enfeitiçando os animais (Cristo fascinando os alunos); Eros abraçando Psique (o amor celeste envolvendo o amor humano); Ulisses amarrado ao mastro para resistir ao canto das sereias (o cristão desdenhando o mundo profano). Além dos sarcófagos, encontramos as pinturas rudimentares, sobretudo nos muros e nas abóbadas dos cubículos e das criptas. São pinturas de cores suaves, amarelo-rosado com toques de verde-claro e sombras castanho-vermelhas, retratando cenas bíblicas ou evangélicas: Moisés batendo no

rochedo; Daniel no fosso dos leões; Noé na sua arca; Abraão sacrificando Isaac; Lázaro ressuscitado; o paraplético sarado; Jesus disfarçado como pastor. Isso tudo mostra o profundo respeito que os cristãos tinham pelos seus mortos: é a cristianização da antiga cultura do mediterrâneo. A cultura romana reverenciava os túmulos, que, por lei, deviam ser preservados de qualquer mutilação, a fim de que as almas não se tornassem "errantes", como escreveu Plínio o Moço.

Os cristãos acrescentavam a essa cultura a ideia da ressurreição. É por essas pinturas, que ainda hoje são visíveis nas catacumbas descobertas, que conhecemos o modo de orar dos primeiros cristãos; as roupas que vestiam, de acordo com o sexo; como era o "repartir do pão"; como era o batismo; o lugar daquele que presidia a comunidade e até alguns dos trabalhos exercidos pelos cristãos, em vida. Da análise dessas esculturas e pinturas podemos concluir que os cristãos romanos dos primeiros séculos viviam dentro da cultura material romana. A única coisa que os distinguiu dos romanos era a atitude perante o sexo e o casamento. (Veja: C. Munier; "L'Église dans l'empire romain"; Paris; 1970; sobretudo o resumo: pág. 7-16. Veja também em: "Ética sessuale e Matrimônio nel cristianesimo delle origini"; Ed. Cantalamassa; Milano: 1976. O ensaio de P.F. Beatrice: "Continenza e matrimônio nel cristianismo primitivo"; 3). Se, para os pagãos de Roma, o corpo era o instrumento do prazer; se, para os judeus, o corpo era o instrumento da continuidade da raça e a disposição para receber o Messias vindouro; para os cristãos o corpo era o instrumento para servir a comunidade e para dar guarida ao Espírito de Jesus. Explica-se assim porque não são benquistas as segundas núpcias e, porque a comunidade se orientava para o celibato, que, além do mais, se tornava uma bandeira que os distinguiu dos pagãos e dos judeus - talvez tenha influído nisto a expectativa da iminente vinda de Jesus "nas nuvens". Mas o celibato era adotado somente em idade madura, justamente pelos presbíteros (palavra grega que significa "anciãos"). Na chefia da vida cristã, encontramos aquele que ocupa o primeiro lugar: o bispo – palavra grega que significa vigilante. Quem eram os bispos de Roma nos primeiros dois séculos? Existem catálogos completos e pormenorizados, mas não esqueçamos que a série de biografias dos papas é do "Liber Pontificalis" (o livro dos pontífices), cuja primeira parte, que

vai até Felix IV, em 530, tem quase nenhum valor histórico: é o que pensa monsenhor Luís M.O. Duchesne, historiador eclesiástico católico (1843-1922) e professor do Instituto Católico de Paris, que aplicou princípios históricos e críticos em suas pesquisas sobre os primeiros papas, pesquisa que reuniu no livro "Le Liber Pontificalis" (1886-1892). De todos esses bispos romanos, o mais importante é Clemente romano (97-101) que, na sua carta aos Coríntios, lança a ideia da necessidade de organizar os cristãos, a exemplo do exército romano, com um chefe supremo (o bispo de Roma) e chefes subalternos (os demais bispos) e, finalmente, a tropa bem organizada e obediente. Essas ideias amadurecerão e, em 325, no Concílio de Nicéia, encontramos, como coisa normal, os bispos ao lado do imperador Constantino, colocando as bases da ideologia do poder eclesiástico. Obviamente as ideias aqui presentes excedem o tempo da carta, mas revelam a cultura da época e os desdobramentos desta cultura no cristianismo primitivo. Além do mais, quando entrarmos em detalhes de exegese e análise do texto escolhido, entraremos em mais detalhes históricos partindo da análise de palavras e do contexto teológico da carta².

Um breve esboço preliminar da Epístola aos Romanos seria:

- Romanos 1: 1-15 Compartilhando o Evangelho
- Romanos 1: 16-32 A Necessidade Universal
- Romanos 2: 1-16 O Justo Juízo de Deus
- Romanos 2: 17-29 A Culpa dos Judeus
- Romanos 3: 1-18 Os Judeus Têm Vantagem?
- Romanos 3: 19-31 Justo e Justificador
- Romanos 4: 1-25 A Justificação de Abraão
- Romanos 5 :1-21 Jesus Vive para Salvar
- Romanos 6: 1-23 Ressuscitados com Cristo
- Romanos 7: 1-11 Libertados da Lei
- Romanos 7: 12-25 O Homem Desventurado

² Será interessante analisar o que é um vaso para aquela cultura e seus diversos usos. Como veremos será necessária esta análise porque o texto pode estar tratando do vaso do ponto de vista ontológico, ou seja, se alguém é vaso para honra ou desonra, ou se é apenas uma questão de utilidade. Mais detalhes à frente.

Romanos 8: 1-17 O Espírito X A Carne
Romanos 8: 18-25 Sofrimento e Esperança
Romanos 8: 26–39 Mais Que Vencedores!
Romanos 9: 1-18 Deus: Fiel e Justo
Romanos 9: 19-33 Os Vasos de Misericórdia
Romanos 10: 1-21 Um Povo Rebelde
Romanos 11: 1-16 A Rejeição de Israel
Romanos 11: 17-36 Quebrados e Enxertados
Romanos 12: 1-21 Sacrifícios Agradáveis
Romanos 13: 1-14 A Dívida do Amor
Romanos 14: 1-23 Respeito entre Irmãos
Romanos 15: 1-21 A Prática do Amor
Romanos 15: 22 - 16: 27 Cooperando em Cristo

MAIS DETALHES SOBRE A ESTRUTURA

A carta aos Romanos possui dezesseis capítulos. Existe uma ordenação de assuntos. É certo que, cada vez mais, devemos ler e interpretar o texto integralmente, ou seja, uma exegese deveria, de fato, levar em consideração a carta como um todo, senão toda a Bíblia.

A Epístola aos Romanos possui assim, as seguintes grandes divisões (agora um esboço com mais detalhes³):

³ Segundo a Bíblia Shedd.

1. INTRODUÇÃO E TEMA	1.1-17
1.1. Saudação	1.1-7
1.2. Ação de Graças	1.8-15
1.3. Tema: Justificação pela fé	1.16-17
2. NECESSIDADE DO EVANGELHO	1.18-3.20
2.1. A condenação dos gentios	1.18-32
2.2. A condenação dos judeus	2.1-3.8
2.3. A condenação de todos os homens	3.9-20
3. BREVE DECLARAÇÃO DO PLANO DE SALVAÇÃO JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ	3.21-31
4. ABRAÃO: UMA CONFIRMAÇÃO DA JUSTIFICAÇÃO	4.1-25
5. OS RESULTADOS DA JUSTIFICAÇÃO	5.1-21
6. RÉPLICA A PRIMEIRA OBJEÇÃO À JUSTIFICAÇÃO PROMOVE O PECADO	6.1-8.39
6.1. A justificação produz a santificação	6.1-23
6.2. Lei e Graça	7.1-25
6.3. Certeza de Salvação	8.1-39
7. RÉPLICA A SEGUNDA OBJEÇÃO ANULA AS PROMESSAS DE DEUS	9.1-11.36
7.1. A Soberana escolha de Deus	9.1-33
7.2. Zelo e desobediência dos judeus	10.1-21
7.3. O futuro de Israel	11.1-36
8. EXORTAÇÕES PRÁTICAS	12.1-16.27
8.1. O serviço na igreja e outros deveres	12.1-21
8.2. Deveres políticos	13.1-14
8.3. A responsabilidade pessoal	14.1-23

8.4. Ambições missionárias de Paulo	15.1-33
8.5. Saudações pessoais	16.1-27



BIBLIOGRAFIA

1. BARTH, Karl. *Aos Romanos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008, 858 pág.
2. BEALE, G.K., *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, 1415 pág.
3. BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica: Um estudo cuidadoso de um meio que o Espírito da Verdade emprega para conduzir seu povo em toda a verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. 4ª Edição Revisada. 140 pág.
4. BÍBLIA NVI. *Bíblia para estudo em pequenos Grupos: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Palavra: 2011.
5. BRUCE, F.F. *Comentário Bíblico NVI, Antigo e Novo Testamento*. Editora Vida, 2012, 1561 pág.
6. _____. *Romanos - introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2011, 16º vol.
7. BULTMANN, Rudolph Karl. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. 9ª Edição. 925 pág.
8. CALVINO, João. *Romanos*. São José dos Campos: Fiel, 2014. 603 pg.
9. CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Hagnos, 2001.
10. _____. *Enciclopédia de Bíblia e Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2004, 7ª edição, volume 3, 935 pág.
11. DOUGLAS, J.D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995, 1680 páginas.
12. ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015. 1232 pág.
13. FERREIRA, Júlio Andrade. *Antologia Teológica (org.)*. São Paulo: Luz para o Caminho, 2003. 739 pág.
14. GABEL, John B e WEHEELER, Charles B. *A Bíblia como Literatura*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
15. GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Palavra e Silêncio: Kiekegaard e a relação dialética entre a razão e a fé*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. 440 pág.
16. KAISER, Walter C. Jr. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999. 312 pág.
17. KOESSLER, John. *Manual de pregação*. São Paulo: Vida Nova, 2010. 411 pág.
18. KÖSTENBERGER, Andreas J. *Convite à interpretação bíblica: tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015. 800 pág.
19. KÖSTENBERGER, Andreas J. *Convite à interpretação bíblica: tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015. 800 pág.
20. LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento – Edição Revisada*. São Paulo: Hagnos, 2003, Reimpressão 2014. 901 pág.



21. LUTERO, Martinho. *Carta del Apóstol Pablo a los Romanos*. Terras - Spain: Eltropical. 467 pg.
22. MAUERHOFER, Eric. *Uma Introdução aos Escritos do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2010. 622 pág.
23. OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica - uma nova abordagem a interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
24. OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem a interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
25. POLYTHRESS, Vern Sheridan. *A História da Salvação no Antigo Testamento*. São Paulo: 2011. Tradução de Pablo Monteiro.
26. SCHNELLE, Udo. *Paulo: Vida e pensamento*. Santo André: Paulus, 2010. 776 pág.
27. SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. São Paulo: Vida Nova, 2001. 444 pág.
28. SHEDD, Russel P. *A solidariedade da raça: o homem em Adão e em Cristo*. São Paulo: Vida Nova, 1995. 194 pág.
29. STUART, Douglas. *Manual de Exegese Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2008. 377 pg.
30. _____. *Entender os que lê*s. São Paulo: Vida Nova, 2014. 336 pag.
31. TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: EST, 2005. 872 pág.
32. _____. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 2007. 293 pág.
33. _____. *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 2004. 255 pág.
34. VANHOOZER, Kevin J. *Encenando o Drama da Doutrina: Teologia a serviço da Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2016. 349 pág.
35. _____. *O Drama da Doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2016. 509 pág.
36. VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 2006. 911 pág.

SITES DA INTERNET

1. <https://tiagolinno.wordpress.com>
2. <https://pt.wikipedia.org>
3. <http://www.cacp.org.br>
4. www.youtube.com

